

LITERATURA SURDA EM PERFORMANCE: CONSIDERAÇÕES SOBRE A ARTE VISUAL VERNACULAR (VV)

Bruno Ferreira Abrahão (UFRJ)¹

Resumo: Este trabalho pretende estudar, analisar e discutir os pressupostos e as dinâmicas de uma forma específica de concepção estética surda, mais precisamente a arte conhecida como Visual Vernacular, forma estética experimental que mescla em sua estrutura a narrativa, a dramatização, a dança e a imagem e que se desenvolve a partir de uma construção linguística visual e motora, composta por elementos dramáticos, movimentos corporais e de expressões faciais e ligada às línguas de sinais, apesar de trazer em si elementos da mímica e da poesia, e não fazer uso, propositalmente, de sinais padronizados.

Palavras-chave: Visual Vernacular; Literatura Surda; Cultura Surda.

Embora o governo Federal do Brasil tenha defendido nos últimos anos o lema “Educação para todos” e, para essa nova gestão de governo, “Brasil Pátria Educadora, a realidade educacional do sujeito surdo desde a alfabetização aos demais níveis de escolaridade, no que toca às disciplinas escolares em geral, incluindo, ainda é muito precária, o mesmo ocorrendo com relação à formação profissional.

A integração dos surdos ainda é dificultada devido ao preconceito histórico estabelecido ao longo dos séculos de segregação, o que reforçou profunda desinformação e desconhecimento da língua de sinais, da cultura e da identidade que eles compartilham, como também a falta de profissionais preparados na área da Literatura, para atender cidadãos que possuem uma língua diferenciada e não uma deficiência, como sempre foi estigmatizado.

A motivação deste trabalho de início aconteceu ao cursarmos Letras-LIBRAS pela UFSC em 2012, quando percebemos, através das pesquisas da professora Dra. Lodenir Becker Karnopp e do professor Dr. surdo Fabiano Souto Rosa, como a cultura surda que possibilite a promoção e a valorização da Literatura surda é de suma importância para a

¹ Especialista em Libras (IESA) e professor do Departamento de Letras-Libras da Faculdade de Letras da UFRJ. E-mail: brunoabrah@gmail.com

construção do sujeito surdo e de suas representações. Assim, concordamos com a proposição de Karnopp, ao afirmar como:

[...] a ênfase na dimensão centralizadora de uma cultura universal tem impossibilitado que crianças surdas possam ter uma inserção em processos culturais existentes em comunidades de surdos. Por outro lado, são escassos, nos contextos escolares, materiais que tematizem a diversidade cultural, tendo em vista a possibilidade de leitura de outros textos, de outras imagens e de outras histórias do que significa ser diferente. Enfim, uma abordagem que possibilite outras representações sobre os surdos. (KARNOPP, p. 160, 2006)

Não há dúvida de que, hoje, existem leis que amparam os cidadãos surdos do Brasil em sua acessibilidade para a Educação e a informação no âmbito da Literatura. No entanto, as principais leis que norteiam e dão diretrizes vigentes à comunidade surda são a Lei Federal, que reconhece a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS com o *status* de língua natural, a Lei nº 10.436 (24/04/2002)² e o Decreto nº 5.626 (22/12/2005)³, que regulamentam a LIBRAS. Nesse sentido, é necessário que toda a sociedade esteja consciente de que a promoção do direito básico ao uso da língua já reconhece a cidadania de um determinado indivíduo, que para o surdo será o pleno uso da LIBRAS. O Decreto, por exemplo, determina para a Educação do surdo no CAPÍTULO VI, que:

Art. 23. As instituições federais de ensino, de educação básica e superior, devem proporcionar aos alunos surdos os serviços de tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa em sala de aula e em outros espaços educacionais, bem como equipamentos e tecnologias que viabilizem o acesso à comunicação, à informação e à educação.

§ 1º Deve ser proporcionado aos professores acesso à literatura e informações sobre a especificidade linguística do aluno surdo.

Este trabalho deseja mostrar a importância da literatura surda através do estudo do Visual Vernacular (ou VV), que é um novo estilo de expressão artística desenvolvido e representado por pessoas surdas. O Visual Visual Vernacular (VV) representa uma nova forma de articulação de sinais relacionada à percepção dos classificadores (ou CL), que compreendemos os "tipos de morfemas que representam objetos, pessoas e animais,

² Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm

³ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm

descrevendo-os quanto à forma, ao tamanho e incorporando-lhes ações” (DIAS JUNIOR & SOUSA, s.d., p. 21).

Percebemos o Visual Vernacular (VV) como um meio eficaz para ensino dos surdos e um modo de levar os ouvintes a terem vivência e conhecimento sobre a comunidade surda, estabelecendo um desafio entre ambas as culturas e contribuindo para o entendimento e a reflexão dessas variadas representações que a identidade surda promove, pois surdos e ouvintes podem ser sujeitos do visual.

A produção do Visual Vernacular (VV) na Literatura Surda do Brasil estabelece uma proposição reflexiva na qual esta deixa de ser uma mera tradução e interpretação de textos oriundos da cultura ouvinte, ao se apresentar como uma produção estética com características específicas. As comunidades surdas desenvolvem uma tradição oral baseada em seu canal linguístico (língua gestual) que é um sistema gestual visual. Trabalho semelhante pode ser visto na Itália, dentro da Comunidade Surda Italiana (IDC). Os membros do IDC compartilham, por um lado, um sistema de língua gestual chamado Língua Italiana dei Segni - LIS e, por outro lado, uma cultura minoritária e específica comum, na qual crescem pesquisas sobre o Visual Vernacular (VV) (Zaghetto, 2016).

Os estudos de pesquisadores italianos sobre a Visual Vernacular a mostram como um novo estilo de expressão estética ligado aos usuários de língua de sinais. Com maior desenvolvimento na Itália, a partir de 2005, o Visual Vernacular realiza narrações em três dimensões (3D) focadas em detalhes, como os surdos italianos afirmam em entrevistas realizadas em 2010 e 2011 (Zaghetto, 2016).

As composições do Visual Vernacular (VV) são comparáveis a filmes mudos ou a imagens sequências. O estilo é baseado no uso de classificadores (CL), expressões faciais e técnica de incorporação suportada por um plano motor específico. O plano motor leva à criação de um ritmo peculiar de articulação de sinais, geralmente rápido, que caracteriza cada performance do Visual Vernacular (VV). O ritmo rápido de Visual Vernacular (VV) impõe a apresentação, em geral, de dois ou três assuntos para cada narração em 3D.

O Visual Vernacular se desenvolve a partir da VV pela seleção do uso de CLs e expressões faciais durante as performances (Zaghetto, 2016). Para um exemplo de análise, tomamos o vídeo de Visual Vernacular “Caterpillar”, de Ian Sanborn.

O vídeo escolhido inicia-se em preto e branco, com o ator mostrando uma área plana, logo em seguida ele sobe o dedo indicador. É possível entender na próxima cena que a área plana é a terra e o dedo indicador é uma planta crescendo, pois o ator utiliza uma das mãos para fazer um sol e a outra mão sobe cada vez mais, nesse momento os movimentos ficam mais rápidos demonstrando a velocidade em que passam os dias; quando uma das mãos forma uma árvore, o movimento pára, demonstrando a ideia de “um dia”, e então começa a narrativa sobre a história da lagarta (Imagem 1).

Imagem 1



A lagarta anda em direção à árvore. É nítido que é uma lagarta, pois o ator utiliza-se do classificador para mostrar as patas e as antenas. Conforme a lagarta sobe na árvore, o ator demonstra os movimentos de suas patas ao subir. Ao chegar no galho, demonstrado pelo polegar da mão que está formando a árvore, a lagarta enrosca um fio no galho e verifica se está firme, ela parece mergulhar (percebe-se pelo formato das patas, incorporado pelas mãos do ator) e se pendura no galho, começando a formar o casulo, dessa maneira, os movimentos ficam cada vez mais rápidos demonstrando o tempo passando enquanto a lagarta trabalha para formar o casulo. Conforme o casulo está se formando o movimento fica mais lento, voltando a ficar mais rápido conforme acontece a transformação da lagarta em borboleta (imagem 2).

Imagem 2



Na próxima cena, o ator forma com uma das mãos e braços uma asa, com a outra mão e braço a outra asa, em seguida, olha para uma “asa” e olha para a outra “asa”, sorri e nesse momento o ator muda de cor e os movimentos ficam cada vez mais rápidos demonstrando a alegria da borboleta em voar e se sentir livre (imagem 3). O ator utiliza os classificadores com mãos e braços, incorporando a própria borboleta voando, e em outros momentos incorpora a borboleta só no movimento de suas mãos.

Imagem 3



Nesse vídeo são nítidos os aspectos do visual vernacular, pois o ator utiliza-se de diversos classificadores, dentre eles: a árvore crescendo, as patas e antenas da lagarta, o

momento que faz o casulo, as asas da borboleta; utiliza-se também dos movimentos, pois temos a percepção das horas, dias, meses e até anos que passam, por conta do movimento mais rápido. O recurso da velocidade pode ser articulado ao que Pimenta (2012) percebe na relação entre a linguagem do cinema e as línguas de sinais. Segundo Pimenta:

Em linguagem cinematográfica, a câmera rápida é o recurso de se conseguir enfatizar o movimento em velocidade do personagem em cena. Esse efeito é obtido na fase de edição, posterior à gravação, por meio de mecanismos que aceleram a passagem dos quadros por segundo na tela, acelerando o movimento. Em língua de sinais, se dá por mecanismos de aceleração semelhantes, ou seja, expressões faciais e movimentos do corpo associados a sinais, classificadores e gestos que fazem com que o personagem ou mesmo a paisagem se desloquem à velocidade que se deseja demonstrar [...] (PIMENTA, 2012, pág. 78)

Há relatos nos discursos sociais de ex-alunos surdos do Instituto Nacional de Surdos – INES que se referem às origens do Visual Vernacular (VV) no Brasil. Essa origem remonta aos antigos filmes de faroeste veiculados na década de 50. Os alunos surdos do INES membros de famílias ricas tinham acesso ao cinema e absorviam, pelo visual, o conteúdo do filme; depois, transmitiam aos seus pares linguísticos dentro das comunidades surdas carentes, que não tinham acessibilidade, por falta de recursos. Esse processo de transmissão das histórias cinematográficas adaptadas para um reconto através de classificadores, sobretudo, seria o início do Visual Vernacular no Brasil.

Cabe dizer que o Visual Vernacular compreende o uso de classificadores no processo de narração, mas também outros aspectos linguísticos específicos das línguas de sinais, a saber o movimento, a velocidade e a expressão facial. No vídeo *Caterpillar*, por nós referido, podemos observar a literatura surda através da estética Visual Vernacular. Nele, são utilizados muitos classificadores, desde o surgimento da árvore com o dedo indicador, como o sol que a faz crescer, e logo em seguida o dedo indicador é usado já para outro sentido, de uma lagarta que sobe na árvore, primeiro distante somente com o uso do indicador, depois de perto. O narrador coloca-se como uma lagarta, pois detalha a subida dela e a presença de suas patas na árvore, usando vários dedos ao mesmo tempo.

Podemos observar no vídeo “*Caterpillar*” que a história é narrada em libras, utilizando de toda uma cultura e comunicação visual, na qual se observa o uso da língua

de sinais, em sua estrutura visual e motora, com o uso de sinais e de classificadores. A isso, complementam a construção narrativa as expressões faciais, o movimento e a velocidade, como dissemos, presentes, por exemplo, nas expressões faciais de surpresa (quando a lagarta vira uma borboleta com asas); no olhar do ator/narrador direcionado para o que está acontecendo, virando a cabeça para direita e esquerda, e olhando o surgimento das asas; nos movimentos com a mão criando velocidade e ritmo diferenciados: devagar, quando a lagarta anda até a árvore, lentamente, ou mais velozes, quando as mãos giram rapidamente durante a metamorfose.

“Caterpillar” apresenta também índices de mudança representados através do uso de cores, em momentos que são considerados de importância, como quando as mãos já representam uma borboleta e acontece o seu primeiro voo: tudo fica colorido, e às cores é acrescida uma expressão de alegria, acompanhado de sorriso.

Quando se conta uma história observa-se que existe toda uma cultura, práticas, costumes, identidades de uma comunidade. No caso da comunidade surda, esta também utiliza-se de sua língua natural para expor e contar poemas e histórias, através de uma informação visual.

Podemos observar em “Caterpillar” que durante a história o narrador apresenta uma expressão facial neutra. O foco está somente nas mãos e nos braços, com os quais representa desde a árvore até a metamorfose da lagarta em borboleta, simbolizando um período que demonstra os desafios e o crescimento da lagarta, que pode ser visto como difícil, tenso. O narrador só movimenta a cabeça no surgimento das asas e a expressão facial só muda saindo da neutralidade para o sorriso quando surge o colorido no vídeo, no momento em que a borboleta consegue bater as asas e voar, demonstrando algo positivo, um bom momento, de vitória, de satisfação, de alegria.

Como já mencionado anteriormente, a literatura conta a história de um grupo, de um povo, sua realidade, sua cultura, e podemos ver que a expressão literária pode ser tanto escrita, como sinalizada, e no caso da literatura surda, esse vídeo sobre a lagarta demonstra a possibilidade e as diversas formas de contar e produzir a literatura, neste caso esta denomina-se literatura surda.

Assim, a Literatura Surda pode assumir e conceber uma forma literária mais complexa e associada à identidade surda pelo Visual Vernacular (VV), visto que o surdo

deve ser o próprio criador desta. Por pouco tempo, o que se denominou como Literatura surda percebeu-se como um conceito repleto de problematizações e atrelado a contextos de choques culturais, devendo ser revisada a partir de novos conceitos, para que de verdade, possa expressar e simbolizar ideias e imagens a dialogar com faces específicas de uma categoria da Literatura elaborada pelos sujeitos surdos. Por isso, concordamos com Rosa (2006), ao indicar a pluralidade de situações nas quais emergem elementos sobre a Literatura surda:

Percebi que o livro é importante para informação, para o aprendizado e que é possível adaptar as histórias clássicas contadas, geralmente para ouvintes, para os surdos. As histórias que lia nas aulas de Português Instrumental para surdos e também nas atividades de pesquisa eram divertidas, traziam informações, cultura e a possibilidade de explorar histórias que poderiam ser adaptadas e/ou criadas pelos próprios surdos, na LIBRAS. (ROSA, p. 59, 2006, acesso em 2017).

De acordo com Rosa, é de grande importância para as crianças surdas terem a aprendizagem de uma Literatura clássica adaptada. Contudo, tais adaptações levam a um processo de tradução e interpretação com informações reduzidas, devido essas não serem uma produção do próprio sujeito surdo. Com isso, há uma necessidade em demonstrar uma Literatura surda, que referencie ao surdo o pertencimento da sua identidade surda, onde eles poderão sentir o contato com a história oriundas dos mesmos pares surdos. É preciso dar avanço a pesquisas e promover a Literatura Brasileira Surda, e o estudo e a produção do Visual Vernacular, pois este pode ser um caminho produtivo, ao propor um novo paradigma para a Literatura surda, em sua elaboração a partir do olhar do surdo.

Referências bibliográficas

BRASIL. Lei de LIBRAS nº 10.436 de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais. [Acesso em 03 de outubro de 2017]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm.

BRASIL. Decreto de LIBRAS nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002. [Acesso em 03 de outubro de 2017]. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm.

CASTRO, Nelson Pimenta de. *A tradução de fábulas seguindo aspectos imagéticos da linguagem cinematográfica e da língua de sinais*. Dissertação de mestrado. Florianópolis, UFSC, 2012.

DIAS JUNIOR, Jurandir & SOUSA, Wilma. O papel dos classificadores nas línguas de sinais. Disponível em: <http://biblioteca.virtual.ufpb>. Acesso em 13 out. 2017

GIURANNA, G, Visual Vernacular. Uma arte poética entre LSF e mime. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1uABuEd0vUQ>. Acesso em 13 out. 2017

KARNOPP, Lodenir Becker. Literatura Surda. In: *ETD – Educação Temática Digital*, Campinas, v.7, n.2, p.98-109, jun. 2006

——— Produções culturais de surdos: análise da literatura surda. Disponível em: <http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/viewFile/1605/1488>. Acesso em: 03 de outubro de 2017.

PERLIN, Gladis. Identidades Surdas. In: *A surdez: um olhar sobre a diferença*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

QUADROS, Ronice Müller (org.). *Estudos surdos I*. Série Pesquisas. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2006.

QUADROS, R. M.; VASCONCELLOS, M. L. B. (Org.). *Questões teóricas das pesquisas em línguas de sinais*. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2008.

REIS, E. No mundo da LIBRAS. Disponível em: < <http://nomundodalibras.blogspot.com.br/p/literatura-surda.html>. Acesso em: 20 ago. de 2017.

ROSA, Fabiano Souto. Literatura surda: criação e produção de imagens e textos. Disponível em: [http://www.ssoar.info/ssoar/bitstream/handle/document/10158/ssoar-
etd-2006-2-rosa-literatura_surda_criacao_e_producao.pdf?sequence=1](http://www.ssoar.info/ssoar/bitstream/handle/document/10158/ssoar-etd-2006-2-rosa-literatura_surda_criacao_e_producao.pdf?sequence=1). Acesso em: 03 de outubro de 2017.

SACKS, Oliver. *Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos surdos*. Tradução: Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras; 1998.

SANBORN, Ian. Caterpillar" Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4PeYpRbg18Y>. Acesso em: 13 out. 2017

ZAGHETTO, AA. Visual Vernacular. Como os surdos traduzem as vibrações sonoras para a língua de sinais: um exemplo da Itália. Disponível em: <https://signata.revues.org/934?lang=en>. Acesso em: 09 de outubro de 2017.